

Ruy Castro*

Livrarias de portas abertas

Meu amigo Mario Gabbay, dono da Marché, uma grande pequena loja de discos de São Paulo, teve de fechar as portas nos anos 2000, e não por falta de clientes. “O problema não era vender, mas comprar”, ele me dizia. Um CD de artista famoso lançado naquela semana lhe custava, digamos, R\$ 20, direto na gravadora. Com os custos, impostos e aluguel do ponto, não podia vendê-lo por menos de R\$ 30 para ter mínimo lucro. Mas Mario não tinha sequer acesso ao disco, porque a gravadora dera exclusividade às Lojas Americanas por semanas. E as Americanas vendiam esse

disco pelos mesmos R\$ 20 com que o compravam.

O que significava? Que elas podiam trabalhar com prejuízo, vendendo um disco pelo preço de custo, já que ele era só um item na sua longa lista de ofertas, de alfinetes a geladeiras. Além disso, para as Americanas, o disco não custara R\$ 20, mas R\$ 15 ou menos — graças à sua pressão sobre a gravadora, obrigando-a a lhe dar um enorme desconto. As Americanas tinham poder para tal, porque, com o movimento de suas inúmeras lojas, compravam aquele disco em grande quantidade. As gravadoras sabiam que isso acabaria com as pequenas lo-

jas. Mas não era problema delas.

Transfira esta situação para as pequenas livrarias. Poucas conseguiram sobreviver ao massacrante ataque das megas nos anos 1990. Ironicamente, as megas, pouco depois, provariam do mesmo veneno: foram massacradas pela Amazon, que vende por x um livro que deveria vender por 2x. A Amazon impõe às editoras os descontos que quiser e, além disso, não precisa dos livros para viver, porque vende de geladeiras a viagens à Lua. Mas os livros são a razão de existir das livrarias físicas, sujeitas aos descontos normais do mercado.

Há uma lei em tramitação

tentando impor limites à Amazon. É a única forma de as livrarias seguirem de portas abertas. Você dirá que, com isso, pagará mais pelo livro.

Talvez. Mas você não se importa de pagar R\$ 100 para comer mal num restaurante e, dali a uma hora, nem se lembrar do que comeu. Um livro — que raramente chega a esse preço —pode ser um alimento para o resto da vida.

***Jornalista e escritor. Autor das biografias de Carmen Miranda, Garrincha e Nelson Rodrigues. Membro da Academia Brasileira de Letras**

Márcio Coimbra*

OCDE, Imperativo Nacional

A adesão do Brasil à Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) representa uma oportunidade histórica para consolidar o país como protagonista global e atrair investimentos limpos, sem qualquer tipo de mecanismo predatório. A OCDE, que reúne as principais economias comprometidas com padrões elevados de governança, transparência e políticas públicas eficientes, ofereceria ao Brasil um selo de credibilidade internacional. Isso facilitaria a integração a cadeias de valor globais, reduziria os custos de captação de recursos externos e estimularia reformas estruturais essenciais para modernizar a economia. Para um país que busca superar desigualdades históricas e instabilidade fiscal, a entrada na OCDE não é apenas simbólica, mas um caminho prático para o crescimento inclusivo.

O atual governo, sob a liderança de Lula, tem negligenciado a prioridade de acelerar o proces-

so de adesão à OCDE, optando por uma agenda mais focada em políticas protecionistas e alinhamentos questionáveis. Esse atraso tem custos claros: enquanto países como Colômbia e Costa Rica avançaram, o Brasil perde espaço na competição por investimentos diretos e fica à margem de fóruns que definem padrões globais. Politicamente, a hesitação em adotar reformas exigidas pela OCDE — como ajustes fiscais e o combate à corrupção — enfraquece a imagem do país como parceiro confiável. Economicamente, a incerteza jurídica e a falta de modernização regulatória desestimulam empresas estrangeiras, perpetuando um ciclo de baixo crescimento e dependência de commodities.

Para ingressar na OCDE, o Brasil precisa implementar um conjunto de reformas alinhadas aos critérios da organização. Isso inclui implementar os mecanismos simplificadores e progressivos da reforma tributária,

reduzindo a complexidade que desestimula negócios; fortalecer instituições de controle, como a CGU, para combater a corrupção sistêmica; avançar em políticas ambientais e modernizar leis trabalhistas e de inovação tecnológica. Além disso, o país precisa demonstrar compromisso com a responsabilidade fiscal, equilibrando os gastos públicos e reduzindo o risco de crises cambiais. Esses passos exigem coalizão política e diálogo com o Congresso, o setor privado e a sociedade civil — um desafio enorme para uma nação extremamente polarizada.

A adoção das legislações exigidas pela OCDE teria impactos profundos na qualidade institucional do Brasil, não apenas por facilitar a entrada na instituição, mas por resolver entraves históricos, como a baixa produtividade e a desigualdade social, posicionando o Brasil como uma economia dinâmica e resiliente.

A demora do governo Lula em priorizar a OCDE reflete

uma miopia política que coloca em risco o futuro do país. Enquanto o Brasil hesita, concorrentes regionais consolidam vantagens. A adesão à OCDE deve ser entendida como um projeto nacional, transcendendo ideologias e ciclos eleitorais. Aprovar as reformas necessárias não é apenas cumprir exigências burocráticas, mas pavimentar um caminho para um Brasil mais próspero e integrado ao século XXI. O custo da inação será medido em décadas de estagnação — e o momento de agir é agora.

***CEO da Casa Política e Presidente-Executivo do Instituto Monitor da Democracia. Conselheiro da Associação Brasileira de Relações Institucionais e Governamentais (Abrig). Cientista Político, mestre em Ação Política pela Universidad Rey Juan Carlos (2007). Ex-Diretor da Apex-Brasil e do Senado Federal.**

André Naves*

Disciplina e Inspiração

A construção de uma Sociedade Economicamente Forte e Socialmente Justa passa, necessariamente, pela edificação de estruturas que promovam a Inclusão, o incentivo à Criatividade e a Inovação de forma sustentável. Basta olhar para as manifestações da rica cultura brasileira: temos o samba, que nasceu da resistência, da colaboração e da alegria compartilhada mesmo diante das adversidades; a capoeira, que mais do que um movimento, simboliza a luta, a adaptabilidade e a superação dos desafios impostos por uma história de desigualdades; e diversas festas regionais que evidenciam um povo que, através da união e da disciplina, transforma o esforço diário em celebração da vida e da diversidade.

No âmago dessa transformação, destacam-se valores essenciais, como o Comprometimento, o Esforço e a Perseverança. São esses elementos

que, aliados à Alteridade e ao reconhecimento das Singularidades, elevam cada indivíduo ao seu potencial máximo.

É fundamental que cada pessoa tenha a liberdade de seguir o seu próprio caminho, de acordo com seus talentos e paixões, enquanto a sociedade oferece oportunidades justas, que respeitem suas individualidades. Essa visão não se restringe a uma perspectiva econômica única ou a uma fórmula mágica para o sucesso; ela está enraizada na convicção de que o verdadeiro desenvolvimento acontece quando todos os segmentos da sociedade se elevam juntos, contribuindo para a criação de um ambiente onde a criatividade floresce em meio a desafios, e onde as inovações surgem como resposta aos problemas reais da vida.

O equilíbrio entre Disciplina e abertura à Inspiração se mostra, portanto, como o alicerce de uma trajetória de Superação. Assim, é preciso olhar para as lições do cotidiano brasileiro, onde histórias de Persistência, de Trabalho Árduo e Fé se traduzem em projetos que transformam não apenas mercados, mas também corações. Essa confiança em um futuro melhor nos leva a acreditar que, mesmo diante de tantas dificuldades, a continuidade do trabalho, com coragem e empatia, pavimenta o caminho para uma economia mais robusta e uma sociedade verdadeiramente inclusiva.

Em última análise, investir em Estruturas Sociais mais Justas e Inclusivas não é uma proposta apenas utilitária, mas uma jornada de autoconhecimento e de redescoberta do potencial humano. É nesse

equilíbrio entre o esforço individual e o apoio mútuo que se encontra a verdadeira fórmula para o progresso: uma cultura que respeita as raízes e os sonhos de cada um, transformando desafios em oportunidades e, sobretudo, cimentando a crença de que um amanhã melhor depende, primeiramente, da Coragem de cada um de nós de se reinventar e de estender a mão para o próximo.

***Defensor Público Federal formado em Direito pela USP, especialista em Direitos Humanos e Inclusão Social; mestre em Economia Política pela PUC/SP. Cientista político pela Hillsdale College e doutor em Economia pela Princeton University. Comendador cultural, escritor e professor (Instagram: @andrenaves.def).**

EDITORIAL

Sou ‘homem com H’

Junho é conhecido como o Mês do Orgulho LGBTQIA+, mês voltado para preservar a memória da rebelião de Stonewall, que ocorreu em 1969, em Nova York, que marcou o início do movimento global pelo fim da discriminação e violência contra a comunidade LGBTQIA+,além de exigir direitos iguais. Junho também é o mês da conscientização pela saúde mental masculina. E essas duas campanhas estarem no mesmo mês não é uma mera coincidência.

Frases como “vira homem!”, “homem não chora” e diversos comentários associando homens a homossexuais como algo pejorativo infelizmente ainda não bastam para comuns. O que não faz sentido como insulto. Uma pessoa sentir atração física e romântica por alguém do mesmo sexo não a torna menos digna, inteligente, interessante ou menor em qualquer sentido – o mesmo vale para pessoas que se identificam com um gênero que não seja o biológico.

Esses discursos enraizam um machismo estrutural. E o machismo pode ser tão prejudicial para os homens quanto para as mulheres. A rigidez emocional e a falta de cuidado com a saúde mental podem resultar em diversos problemas emocionais que podem se tornar físicos, quando, no pior dos casos, há uma tentativa de suicídio. Diversos fatores podem levar uma pessoa a tirar a própria vida (ou tentar), mas a certeza é

que a saúde mental dela está fragilizada. Para além do setembro amarelo, a saúde mental precisa ser discutida. E as chances de ter uma saúde mental comprometida em uma sociedade intolerante que diariamente agride homens e mulheres da comunidade LGBTQIA+ são extremamente altas.

De acordo com a Associação Brasileira de Medicina de Emergência (Abramede), em 2023 o Sistema Único de Saúde (SUS) registrou 11.502 casos de interações relacionadas a lesões em que houve intenção deliberada de infligir dano a si mesmo, a maioria tentativa de suicídio. E a tendência é que o número seja ainda maior, considerando os casos que são subnotificados.

Em 1981, o cantor Ney Matogrosso quase não gravou a música “Homem com H”, escrita por Antônio Barros. Inicialmente, o artista não se interessou pela música porque considerava que ela, um forró, não combinava com seu estilo musical. Felizmente após a insistência de Gonzaguinha e de seu produtor, Mazzola, ele gravou a música no seu estilo, e ela se tornou um dos grandes sucessos de sua carreira. Quebrando barreiras de uma visão limitada e preconceituosa contra homens homossexuais, a voz de Ney Matogrosso perpetuou para além de um conceito comum, revelando força e confiança de um homem, que nada interfere em sua orientação sexual.

Volêi e cidadania no Maracanãzinho

O mês de junho está sendo mais do que especial para os apaixonados pelo vôleibol no Rio de Janeiro. Isso porque, pelo segundo ano consecutivo, a Cidade Maravilhosa está sediando a Liga das Nações de Vôlei feminino e masculino.

Nesta semana, são as mulheres que estão dando show. No jogo de abertura, EUA e Itália reeditaram a final das Olimpíadas de Paris 2024. Foi um passeio avassalador das italianas, que venceram por 3 sets a 0. Em seguida, foi a vez das brasileiras atropelarem as meninas da República Tcheca, que fizeram jogo duro, mas não conseguiram vencer um set sequer ante as donas da casa.

E o público atendeu bem ao chamado do esporte, marcando presença - apesar de ter acontecido em uma quarta-feira à tarde.

Mas o grande destaque mesmo aconteceu fora das quadras.

Equipes do Ministério da Saúde levaram o simpático Zé Gotinha para incentivar a molecada a se vacinar. Os adultos também entraram na onda e aproveitaram o posto de vacinação que foi montado nos corredores do ginásio do Maracanãzinho.

As vacinas disponíveis eram contra a Influenza e a Tríplice Viral.

Confirmando seu viés progressista, o SESC também marcou presença com ações contra o racismo. Além de placas, eles bolaram um guia antirracista que foi destruído gratuitamente no ginásio. O guia explica passo a passo os diferentes tipos de racismo, suas origens e punições, para o público saber identificar e diferenciar. Também trouxe contatos para fazer a denúncia caso alguém sofra ou presencie um caso.

Foi um grande acerto do evento fechar essas parcerias.

Opinião do leitor

Vergonha nacional

Numa tarde, onde milhões de pessoas estavam trabalhando, milhares esperavam a saída do seu ícone: o MC POZE. A esposa dele é responsável pela lavagem de R\$ 250 milhões para o Comando Vermelho. Que triste exemplo para esses jovens presentes na mega recepção, que vêem uma pessoa ganhar muito dinheiro facilmente.

Luiz Felipe Schittini
Rio de Janeiro - Rio de Janeiro

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: DOM SEBASTIÃO LEME PODE VIRAR CARDEAL

As principais notícias do Correio da Manhã em 6 de junho de 1930 foram: apesar do mau tempo, Conde Zeppelin consegue fazer a travessia da América para a Europa, chegando em Sevilha. Observatório Romano publicou uma nota dizendo que, entre os futuros cardeais do próximo Conclave, estará o arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Sebastião Leme. Boatos indicam mudanças na equipe ministerial inglesa.

HÁ 75 ANOS: EDUARDO GOMES PODE TER NOVO COMÍCIO EM SP

As principais notícias do Correio da Manhã em 6 de junho de 1950 foram: UDN só admitirá conciliação na base da candidatura de Eduardo Gomes. Partido articula comício para o brigadeiro em São Paulo. Potências ocidentais não reconhecem o acordo de fronteira entre a Alemanha Oriental e a Polônia. Vazam possíveis negociações da Itália para atrair a Albânia para o Ocidente.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-202

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.